

**POVOADORES DE S. PAULO: ANTÃO NUNES**  
**(Adendas às primeiras gerações)**

*H.V. Castro Coelho*

**Resumo:** *Antepassados de numerosas famílias de S. Paulo e do Rio de Janeiro tratadas por Pedro Taques, Silva Leme e outros autores.*

**Abstract:** *Forefathers to several the S. Paulo and Rio de Janeiro families described by Pedro Taques, Silva Leme and others authors.*

**§ 1º**

- I- ANTÃO NUNES, n. por 1520, em Portugal ou em seus distritos das Ilhas, foi um dos primeiros moradores da Capitania de S. Vicente para onde veio, entre os anos de 1543 e 1553<sup>1</sup>, provavelmente casado com ISABEL BOTELHO, n. por 1527, filha de André Botelho (n. por 1500) e de s/m. ... (não mencionada por falhas de escrituras) sesmeiros em Santos desde o ano de 1541. Referido em “Nobiliarchia Brasiliense” (árvore 19ª) de autoria do Cônego Roque Luís de Macedo (com informes obtidos, em parte, dos primeiros manuscritos de Pedro Taques) aparece Antão Nunes casado segunda vez com MARIA DE SIQUEIRA, suposta irmã ou parenta (não filha, em função das datas) de Antônio de Siqueira Mendonça (n. por 1536) estabelecido na Capitania por 1559, escrivão e tabelião em Santos, onde ainda vivia em 1613 (nota 1ª). Herdou bens do sogro, André Botelho, e era já

---

<sup>1</sup> Do mesmo apelido, com descendentes identificados, houve nesse século, ao menos;

1- BALTAZAR NUNES (Revista da ASBRAP, n. 13, p. 218)

2- GASPAR NUNES (*Ibidem*, p. 199)

3- LOURENÇO NUNES. (*Idem*, n. 8, p. 160 e n. 12, p. 84)

falecido em 1582 (RIHGSP, XLIV, p. 219). Sobre a morte da primeira mulher (por 1559) nada consta.

Pais de, ao menos:

- 1 (II) - PEDRO NUNES, n. por 1554, nomeado alcaide em 1583, membro da Câmara e eleito juiz ordinário em S. Paulo, em 1612. Segue.
- 2 (II) - MARIA NUNES, n. por 1556, C.c. DIOGO DE ONHATE, tabelião e escrivão da Ouvidoria e Fazenda Real. Segue no § 2º.
- 3 (II) - (?) ... NUNES, n. por 1544, poderia ter sido, cerca de 1560, uma primeira mulher do escrivão ANTÔNIO DE SIQUEIRA MENDONÇA. Silva Leme menciona Pedro Nunes de Siqueira entre os filhos do escrivão (v. nota 1ª).

Na dúvida se filhos ou netos de Antão Nunes:

- 4 (II) - ANTÔNIO NUNES DE SIQUEIRA, n. por 1561, C.c. MARIA MACIEL. São os avós maternos do Reverendo Padre Dr. Mateus Nunes de Siqueira, protonotário apostólico e ouvidor da Vara Eclesiástica, em S. Paulo. Segue no § 3º.
- 5 (II) - PEDRO NUNES DE SIQUEIRA, n. em Santos em 1565; entre seus netos o Padre Pedro Nunes de Siqueira, que foi coadjutor em Santos, em 1654 (S.L., 8º, 405).
- 6 (II) - (?) CATARINA DE MENDONÇA, n. por 1563, C.c. ...; deixou descendentes ligados aos Góis, Gonçalves da Maia e outros títulos (em estudo).

- II- PEDRO NUNES, n. por 1554, residiu em S. Paulo onde obteve provisão de alcaide para servir nos anos de 1583 e de 1586 a 1589 (ACCSP, I, 208 e 304); pelas eleições do pelouro exerceu os cargos de procurador do concelho em 1594 e 1617, vereador em 1606 e juiz ordinário em 1612 (ACCSP, II, 31, 149, 303 e 399).

A 29 de dezembro de 1598, em requerimento conjunto com Manuel Fernandes e Fernão Marques, obteve da Câmara chãos no caminho de Ibirapuera, todos, conforme declararam, filhos de moradores e conquistadores antigos, casados, que sempre prestaram serviços na Capitania, com suas pessoas e fazendas (RGCSP, VII, 67).

Era Pedro Nunes primo afim ou consanguíneo do Cap. Francisco Rodrigues Velho (Inv. e Test., VI, 57) natural de S. Paulo, homem nobre, da go-

vernança<sup>2</sup> e provedor dos quintos reais de S. Majestade, em 1623 (RIHGSP, XLIV, p. 296) casado com Brígida Machado, neta do Cap. Mor Pedro Colaço Vilela e de s/m. Brígida Machado.

Casou Pedro Nunes três vezes, a 1ª c. ISABEL FERNANDES, falecida com testamento e disposições pias, em 1607; a 2ª c. MARIA JORGE, viúva, inventariada em 1611, sem geração (S.L., 8º, p. 12) e a 3ª c. CATARINA DE PONTES, n. por 1590, viúva, filha de Bartolomeu Gonçalves (juiz ordinário em 1620) e de s/m. Domingas Rodrigues (nota 2ª). Faleceu Catarina de Pontes, com testamento, sendo o inventário aberto em 1621. Determinou ser sepultada na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em hábito dos Irmãos da Ordem, celebrando-se um ofício de três lições; fez deixas a diversas irmandades: de Nossa Senhora do Carmo e do Rosário, Santíssimo Sacramento, S. Paulo, da Santa Casa de Misericórdia e outras, e dispôs vinte missas por sua alma (testamento escrito a rogo por Pedro Leme).

No inventário, declararam-se casas de três lances, de taipa de pilão, na vila, sítio no Ipiranga, com casas de telha, sessenta cabeças de gado vacum (uma vaca com cria no valor de 1\$000) canavial, roças de mantimentos, escrituras de terras (não avaliadas) somando o monte partível 315\$040. Arrolaram-se trinta e nove administrados do gentio (Inv. e Test., V, 431).

Faleceu Pedro Nunes em 1623 e foi inventariado em S. Paulo. No testamento, ordenou seu sepultamento na igreja matriz, celebrando-se um ofício de três lições; dispôs vinte e oito missas em louvor a Nossa Senhora do Carmo e do Rosário, ao Santíssimo Sacramento, e a S. Miguel (testamento escrito pelo Padre João Álvares e assinado pelo testador).

Avaliaram-se no inventário: sítio no Ipiranga, com casas de taipa de pilão e telha, outro sítio com trapiche, plantações de mantimentos, oitenta e sete cabeças de gado vacum etc.; na vila, casas de taipa de pilão e telha e bens móveis. Entre os documentos, carta de sesmaria de duas léguas, cartas de chãos na vila e duas escrituras de compras de terras. Somou o monte partível 328\$130 (excluídas as cartas e escrituras de terras) e um rol de trinta e oito administrados (Inv. e Test., VI, 49).

Teve da primeira mulher:

1 (III) - MARIA NUNES, n. por 1585, C. por 1605 c. ANDRÉ FERNANDES. Era já falecida em 1623; c. geração (S.L., 4º, p. 432).

---

<sup>2</sup> Francisco Rodrigues Velho, com 72 anos de idade, homem nobre e da governança, qualificado testemunha com sete pessoas principais, depôs em S. Paulo, a 25 de junho de 1641, no processo do Santo Ofício requerido pelo jesuíta Jerônimo Rodrigues (por informação do Dr. Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, em pesquisa no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ANTT).

Da terceira mulher:

- 2 (III) - CAP. PEDRO NUNES DE PONTES, C.c. INÊS DOMINGUES RIBEIRO. Segue.
- 3 (III) - MARIA NUNES DE PONTES, n. em 1616, C. por 1632 c. ZUZARTE LOPES (S.L., 2º, p. 19) falecido com testamento e inventariado em 1635 (Inv. e Test., IX, 463). Em 1606, uma pessoa desse nome servia o cargo de juiz ordinário em S. Vicente (ACCSP, II, 175). Casou segunda vez em S. Paulo, a 28 de junho de 1637, c. ANTÔNIO FERNANDES SARZEDAS, n. por 1610, fº de Francisco Rodrigues Sarzedas, natural de Portugal, e de s/m. Isabel Pedroso; c. geração (S.L., 7º, p. 438).
- 4 (III) - ANA, n. em 1620.

- III- CAP. PEDRO NUNES DE PONTES, n. em 1613, c. em S. Paulo a 16 de janeiro de 1632, c. INÊS DOMINGUES RIBEIRO, n. por 1617, fº do Cap. Pedro Domingues e de s/m. Maria Mendes (S.L., 8º, p. 112); n.p. de Pedro Domingues, natural de Portugal, e de s/m. Clara Fernandes e n.m. de Nuno Vaz Pinto, natural de Portugal (juiz ordinário em 1601) e de s/m. ... Mendes, por esta, bisneta de Antonio Mendes e de s/m. ... Ribeiro, por esta, trineta de Manuel Ribeiro, juiz ordinário em S. Paulo em 1578, 1581, 1583, 1588 e 1589 e ouvidor eclesiástico em 1590 (v. R. ASBRAP, n. 9, 164 e 173).

Em 1634, aos vinte e um anos, exerceu o cargo de almotacel e, em 1640, eleito procurador do concelho, não pode servir por motivo de parentesco na Câmara (ACCSP, IV, 221 e V, 20).

Possuiu um sítio às margens do rio Pirajuçara, além de Pinheiros (referido pelos autores).

Faleceu em 1659, com testamento, e foi inventariado em S. Paulo. Determinou ser sepultado no jazigo que possuía por título na igreja de Nossa Senhora do Carmo, com a assistência dos membros da Ordem do Carmo, dos irmãos e provedor da Misericórdia, com a bandeira e cruz; dispôs missas em louvor a Jesus, Maria e José, a Nossa Senhora do Carmo e do Rosário e por outras devoções.

No inventário, entre os bens, avaliaram-se dois lances de casas de taipa de pilão e telha no “campo de S. Francisco o velho”, quarenta e cinco cabeças de gado vacuum etc., sem a relação das terras ou cartas de sesmarias (creio por falta de partes dos autos); somaram quarenta e três os administrados do gentio.

A 4 de junho do mesmo ano, a viúva, na sua condição de “mulher honrada, que vive honestamente”, recebeu do juiz de órfãos, D. Simão de Toledo Piza, provisão de tutora e curadora dos filhos, assinando a rogo o termo seu pai Pedro Domingues (Inv. e Test., DAESP).

Faleceu Inês Domingues Ribeiro, em avançada idade, em casa de seu filho Antonio Domingues de Pontes, assistida no espiritual pelo filho Padre Belchior de Pontes.

Conforme escreveu o Padre Fernando Pedreira de Castro, S.J., “o casal Pontes Domingues era tido por virtuoso e de grande piedade. D. Inês usava cilícios, e continuava a mortificar seu corpo até em idade decrépita. Desse proceder deduz-se o cuidado com que procuravam prover a educação religiosa, moral, e quanto possível a intelectual de seus filhos...”. “Muito em particular infundiram neles a devoção a Nossa Senhora, que nunca faltou nos lares brasileiros.”<sup>3</sup>

Tiveram quinze filhos, todos mencionados pelo Padre Manuel da Fonseca, S.J., em 1752 (biógrafo do padre Belchior de Pontes)<sup>4</sup> e por Silva Leme (vol. 8º, p. 113):

- 1 (IV) - INÁCIO DE PONTES, n. em 1633, falecido na infância.
- 2 (IV) - JOÃO DE PONTES, n. em 1634, faleceu solteiro depois de 1659.
- 3 (IV) - CATARINA DE PONTES, n. por 1636, era casada em 1659 com PEDRO BLANCO CALDEIRA, natural da vila de Lauxi, freguesia de S. Sebastião, bispado da cidade de Marselha. São os pais do Padre Paulo Blanco, que ordenou-se depois de viúvo, em 1706. Deuseram no processo de *genere et moribus*, entre outras, as testemunhas: Cap. Mor Pedro Taques de Almeida, com sessenta e seis anos de idade, casado, homem “dos mais nobres desta vila de S. Paulo” e o Cap. Lourenço Castanho Taques, viúvo, com setenta e cinco anos de idade, “dos nobres desta vila.” (ACMSP).
- 4 (IV) - CAP. SALVADOR DE PONTES DO CANTO, n. em 1639, c. em 1661 com ISABEL SUTIL, n. em 1646, fª de João Sutil de Oliveira e de s/m. Maria Ribeiro de Siqueira (R. ASBRAP, n. 9, p. 170). Em 1662, pertencia ao corpo da governança eleita da Câmara de S.

---

<sup>3</sup> Castro, Padre Fernando Pedreira de. (S.J.) – “Padre Belchior de Pontes, S.J., o Taumaturgo Paulistano”, p. 6, 1955, editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, Rio de Janeiro – São Paulo .

<sup>4</sup> Fonseca, Padre Manuel da. (S.J.) – “Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus, da Província do Brasil” Lisboa, ano de 1752; reedição da Companhia de Melhoramentos de S. Paulo, 1932.

Paulo ou à “nobreza deste povo”, numa reunião de vinte e uma pessoas, com os camaristas, que assinaram a ata de 2 de novembro (ACCSP, VI, anexo, p. 292). Seu sogro era irmão do Muito Reverendo Padre Antônio Sutil, que ordenou-se no Rio de Janeiro, com processo de *genere* iniciado em S. Paulo em 1661 (ACMSP)

- 5 (IV) - INÊS DOMINGUES, bat. a 16 de maio de 1641, C.c. ... SILVA (?) e tiveram, ao menos, o filho ANTONIO DE PONTES, que morreu sendo noviço, depois de permanecer por dois anos no Colégio da Ordem Jesuítica.
- 6 (IV) - MANUEL, bat. a 10 de outubro de 1642.
- 7 (IV) - PADRE BELCHIOR DE PONTES, bat. na matriz de S. Paulo, a 6 de dezembro de 1644, pelo Padre Francisco Pais Ferreira, teve os padrinhos Jorge de Sousa e Maria de Siqueira (ACMSP). Fez os primeiros estudos no Colégio de S. Paulo e ordenou-se presbítero na cidade do Salvador, Bahia, onde permaneceu por três anos, de 1670 a 1673. Em 1684, exercia em S. Paulo o cargo de coadjutor espiritual, professo dos três votos (ACMSP). Viveu na Ordem Jesuítica cerca de meio século, servindo nas missões dessa cidade durante mais de quarenta anos. Percorreu quase todas as vilas e povoações de S. Paulo, do interior e do litoral, dentre as quais, as vilas de Jacareí, Taubaté, Santos, Paranaguá e Curitiba. Escreveu o Padre Fernando Pedreira de Castro, S.J., sobre a vida do missionário: “O mais notável dentre os sacerdotes paulistanos, no segundo século do Colégio de S. Paulo, pelo menos quanto à santidade, à atividade missionária e ao dom dos milagres, de acordo com a opinião dos contemporâneos e pósteros, é o Padre Belchior de Pontes”. “Ninguém havia que lhe não consagrasse afeto, tinham todos algum fato de sua vida a referir, desde as pessoas de maior consideração até ao último índio ou escravo”. (“Padre Belchior de Pontes, S.J., o Taumaturgo Paulistano”, *op. cit.*). Em testemunho de suas virtudes e profecias foram expressivos os depoimentos dos moradores de S. Paulo, das localidades vizinhas e povoações da Capitania. Mais de cem pessoas, menciona o Padre Manuel da Fonseca, seu primeiro biógrafo (sem acréscimo dos familiares, agregados, servos e outros). Previu o Padre Belchior o dia e hora da morte: no dia 22 de setembro de 1719, sexta-feira, dia de sua veneração em memória da Paixão de Cristo, comunicou a Anastácia do Espírito Santo, religiosa do recolhimento de Santa Teresa, que às três horas da tarde haveria de morrer. A duas sobrinhas, Maria da Anunciação e Inês da Assunção, recolhi-

das em Santa Teresa, e a seu irmão Padre João Domingues de Pontes, avisou que às três horas morreria, o que realmente aconteceu, estando em seu perfeito juízo e acompanhado nas últimas orações pelo Padre Sebastião Álvares, aquelas devoções que lhe havia recomendado no dia antecedente (“Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes”, *op. cit.*)

- 8 (IV) - ANTÔNIO DOMINGUES DE PONTES, n. em 1645, C.c. SUSANA RODRIGUES DE BORBA, irmã do Guarda Mor Manuel de Borba Gato, bandeirante em Minas Gerais.
- 9 (IV) - MARIANA DE PONTES, n. em 1647, C.c. o CAP. ANTÔNIO GARCIA CARRASCO, irmão do Cap. Mor Martim Garcia Lumbria, governador da Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, nos anos de 1692 a 1695.
- 10 (IV) - ANA MARIA DE PONTES, bat. a 7 de maio de 1650, deve ser a casada com ANASTÁCIO DA MOTA REQUEIXO, n. em 1638, fº de Simão da Mota Requeixo e de s/m. Maria Barbosa.
- 11 (IV) - CAP. JOSÉ DOMINGUES DE PONTES (quando moço chamava-se José de Pontes do Canto) bat. a 16 de agosto de 1652, C.c. SUSANA PAIS, prima-irmã do Guarda Mor Manuel da Borba Gato. Era viúvo em 1704 (ACMSP, *genere*, ref. 1-2-44, p. 9). Possuía assinatura de arabescos.
- 12 (IV) - O MUITO REVERENDO LICENCIADO PADRE JOÃO DOMINGUES DE PONTES, bat. a ... de agosto de 1654, ordenou-se sacerdote secular e serviu como pároco de Santo Amaro. Em 1704, era clérigo presbítero e, em 1727, vigário da Vara da cidade de S. Paulo<sup>5</sup>. Faleceu em Santo Amaro, em 1737.
- 13 (IV) - SEBASTIANA DE PONTES, n. em 1656, C.c. ANTÔNIO FURTADO DE ALVARENGA, fº do Cap. Francisco Furtado (de Mendonça) e de s/m. Isabel Ribeiro (S.L., 8º, p. 446).
- 14 (IV) - MARIA DOMINGUES DE PONTES, n. em 1658, C.c. BELCHIOR DE BORBA PAIS, primo do Guarda Mor Manuel de Borba Gato.
- 15 (IV) - INOCÊNCIO DE PONTES, n. cerca de 1659, faleceu na infância.

## § 2º

<sup>5</sup> Processos de *genere et moribus*: ref. 1-2-44, p. 9 v., *id.* ref. 1-8-120, p. 32, 47, etc.; processo matrimonial: ref. 4-3-12, p. 3 (ACMSP).

- II- MARIA NUNES, n. por 1556, C. em Santos por 1572 c. DIOGO DE ONHATE, n. por 1550, vindo para a Capitania de S. Vicente cerca de 1570, conforme declarou num requerimento de sesmaria em 1608. Seria o mesmo Diego de Onãte, natural de Guipuzcoa, junto à província de Biscaia, mencionado por Lafuente Machain na sua obra “Los Conquistadores del Rio de La Plata”<sup>6</sup>

Pertenceu à governança de Santos, durante alguns anos, e passou a residir na vila de S. Paulo. Em 1584, com Belchior da Costa, foi eleito pela Câmara cobrador da finta para as obras do Concelho. Exerceu os cargos de escrivão da Câmara de 1584 a 1587 e de tabelião desse ano em diante; em maio de 1590 teve o cargo de almotacel e, em julho do mesmo ano, nomeado escrivão da armada do Cap. Jerônimo Leitão aos contrários (ACCSP, I, 244, 246, 249, 253 a 317, 318 e 405). Voltou para Santos, alguns anos depois, onde serviu, de 1609 a 1617, os cargos de escrivão da Ouvidoria e da Fazenda Real (“Sesm.”, I, 35 a 224).

Obteve em 1608, com João de Abreu, sesmaria em S. Sebastião e, no mesmo ano, outra sesmaria na região do rio Sorocaba. Em luta contra índios hostis e piratas de várias procedências, recebeu muitos ferimentos, do que resultou ficar manco e aleijado da mão e do braço direito (“Sesm.”, I, 22, 24 e 33). Em 1614, requereu uma sesmaria em Paranaguá, sem obter a confirmação (*Idem*, 216).

Faleceu em data não conhecida, em Paranaguá ou S. Sebastião. Ignora-se o número exato de filhos; em 1608, cinco das seis filhas estavam casadas ou por dotar (v. a carta de sesmaria). Pais de, entre outros (acrescidos de alguns netos):

- 1 (III) - (?) PADRE PEDRO DE ONHATE, que se ordenou sacerdote, creio pouco depois de 1600 (referido em “Manuscritos de Angelis”, BNRJ).
- 2 (III) - DIOGO DE ONHATE, o moço, n. por 1575, lutou nas guerras da Capitania. Em 1610, obteve sesmaria no litoral, entre os rios Ju-

<sup>6</sup> Segundo uma árvore de costados organizada por Pedro Taques, datada de 6 de dezembro de 1774, em Lisboa, Diogo de Onhate foi natural de Biscaia, tendo servido na governança de Santos e, nessa vila, casou-se com ... Botelho, cunhada de Antão Nunes. A mulher de Antão Nunes chamava-se Isabel Botelho, filha de André Botelho. Conforme uma escritura do primeiro cartório de S. Sebastião, casou Diogo de Onhate com Maria Nunes, n. por 1556, a qual, pela cronologia, devia ser filha (não cunhada) de Antão Nunes e de sua mulher Isabel Botelho. Considerações feitas pelo historiador e genealogista Roberto Vasconcelos Martins, há vários anos (vide a confirmação desses informes, adiante).

queriquerê e Hubatiba, com seu irmão Inocêncio de Onhate e o cunhado Miguel Gonçalves (“Sesm.”, I, 125). Por volta de 1648, vivia em Mogi das Cruzes Diogo de Onhate Biscainho, casado por essa data com CATARINA TINOCO MACIEL, n. por 1615, com muita probabilidade filha de André Maciel (S.L., 8º, 263) falecido em 1648, e de s/2ª mulher Maria Tinoco (v. nota 1ª, letra E). Diogo de Onhate Biscainho poderia ser filho de Diogo de Onhate, o moço, e de s/m. ... (irmã ou cunhada de Miguel Gonçalves?).

- 3 (III) - INOCÊNCIO DE ONHATE, n. por 1578, obteve sesmaria em 1610 com seu irmão e cunhado, referidos.
- 4 (III) - JOÃO DE ONHATE, n. por 1580, foi escrivão da Ouvidoria e Fazenda Real, em Santos, de 1610 a 1611, e obteve sesmaria no litoral (“Sesm.”, I, 72 e 149; II, bis, 97).
- 5 (III) - CATARINA DE ONHATE, n. por 1582, C. por 1600 c. HENRIQUE DA CUNHA GAGO, n. em 1560, viúvo de Isabel Fernandes. São progenitores dos “Onhates Cunhas”, tratados por Pedro Taques e Silva Leme.
- 6 (III) - ISABEL DE ONHATE (filha ou neta) n. por 1595 ou antes, C.c. ANTÔNIO LUÍS FIALHO (creio natural de Portugal). Em 1563, uma pessoa de nome Antônio Luís esteve em Iperoig, com os padres José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, na revolta dos tamoiós. Outro, serviu em S. Vicente os cargos de procurador do Concelho, em 1597, e de vereador em 1598 (RGCSP, VII, 63 e 64). Foram netos de Antônio Luís Fialho e de s/m. Isabel de Onhate os padres João de Faria Fialho e Miguel de Faria Sodré, habilitados de *genere et moribus* no Rio de Janeiro, em 1662 e 1680 (ACMRJ).
- 7 (III) - MARIA DE ONHATE (esta seria ao menos neta) C. pouco antes de 1640 c. BARTOLOMEU GONÇALVES (n. por 1616). Pais de, entre outros:
  - 1 (IV)- CAP. MIGUEL GONÇALVES DA FONSECA, n. em S. Sebastião em 1640, C.c. MARIA NUNES DE FREITAS, fª de Gonçalo de Freitas, natural de Viana, e de s/m. Maria Farinha, natural de Coimbra. São os avós paternos do Padre João Rodrigues Pais, habilitado de *genere* no Rio de Janeiro, em 1739, nomeado cônego da Sé de S. Paulo, por falecimento do Cônego João Gonçalves da Costa, em 1754 (ACMSP).

- 8 (III) - ÂNGELA DE ONHATE (filha ou neta), n. por 1596, C. por 1616 c. ANTÔNIO DE ABREU, conforme Carlos Rheingantz (PFRJ, I, 27).
- 9 (III) - JOÃO DE ONHATE (era neto) n. por 1630, C.c. MARIA BATISTA. Pais de, ao menos, de:
- 1 (IV)- MANUEL DE ONHATE, n. em Santos por 1600, justificou, em 1687, parentesco consanguíneo em 3º grau misto ao 4º com a contraente, no processo de seu casamento com JOANA DE OLIVEIRA, natural de S. Sebastião, fª de Domingos Jorge de Melo e de s/m. Custódia Lourenço (ACMSP). Descendiam de Maria Nunes, bisavó do orador e trisavó da oradora. Entre as testemunhas do processo, depôs Diogo Catanho Torres, natural e morador na vila de S. Sebastião (bispado do Rio de Janeiro) com quarenta e nove de idade pouco mais ou menos, que assinou o termo (processo despachado na cidade do Rio de Janeiro a 25 de agosto de 1687 pelo vigário geral Reverendo Dr. João Pimenta de Carvalho, sendo escrivão do Juízo Eclesiástico Pedro da Costa Travassos).
- 10 (III) - (?) LUÍS DE ONHATE, C.c. MARIA ANTUNES.
- 11 (III) - (?) DOMINGOS DE ONHATE, este e o anterior não identificados).

### § 3º

- II- ANTÔNIO NUNES DE SIQUEIRA (filho ou neto do §1º) n. em Santos por 1561, era morador em S. Paulo, a 14 de maio de 1580, quando assinou (com cruz) na Câmara, em companhia de vinte e nove pessoas, um requerimento ao ouvidor, com o pedido de dispensa de citação judicial, em Santos, dos moradores de S. Paulo (ACCSP, I, 164 e 165). Casou cerca de 1588 c. MARIA MACIEL, n. por 1572, fª de João Maciel (RGCS, I, 66) e de s/m. Paula Camacho.

Foi nomeado almotacel, a 5 de junho de 1593, e assinou o termo com assinatura completa – Antônio Nunes (ACCSP, I, 461).

Em 1602, obteve da Câmara data de chãos, justificando ser casado há quatorze ou quinze anos e ter ajudado nas guerras e rebates; já havia recebido dos oficiais passados alguns chãos ainda não suficientes etc. (“Cartas de Datas, II, 13).

Segundo Carvalho Franco, seguiu em 1608 na bandeira do Cap. Martim Rodrigues Tenório ao sertão dos caiapós, onde faleceu sem testamento. No inventário, aberto em S. Paulo em 1612, entre poucos bens declarados, avaliaram-se casas de taipa de pilão na vila, um sítio no bairro de Piratininga, com casa de telha, e cerca de sessenta cabeças de gado vacum, sem haver menção dos administrados (que pertenceriam aos genros e parentes).

Pais de, descritos por Silva Leme (8º, 210 e 367):

- 1 (III) - MARIA NUNES DE SIQUEIRA, n. por 1590, C. antes de 1612 c. ALEIXO JORGE (S.L., título Jorges Velhos). Algumas das filhas traziam os apelidos avoengos de Garcez e Rocha. Em 1663, com seu filho, Padre Mateus Nunes de Siqueira, instituiu na matriz de S. Paulo a capela do Senhor Bom Jesus (NPHG, II, 463). Entre seus filhos, o Padre Francisco Jorge, clérigo do hábito de S. Pedro, e o Reverendíssimo Licenciado Padre Mateus Nunes de Siqueira, n. em 1622 (Inv. e Test., XXX, 163) protonotário apostólico e ouvidor da Vara Eclesiástica, em S. Paulo, síndico das escolas da Casa Santa e dos Lugares de Jerusalém, em 1672, e visitador do Bispado em 1677.
- 2 (III) - CATARINA DE MENDONÇA, n. em 1594, C. em 1612 c. o CAP. PEDRO GONÇALVES VAREJÃO, natural de Viana do Castelo, fº de Antônio Varejão e de s/m. Catarina de Oliveira (R. ASBRAP, n. 3, p. 195).
- 3 (III) - JOÃO NUNES DE SIQUEIRA, n. em 1596.
- 4 (III) - ANTÔNIO NUNES DE SIQUEIRA, n. em 1599, C.c. ANA GONÇALVES. Na vila de S. Paulo, em sua casa, faleceu com testamento, a 3 de outubro (?) de 1635, seu parente André Botelho (Inv. e Test., X, 82).
- 5 (III) - LICENCIADO CAP. FRANCISCO NUNES DE SIQUEIRA, n. em 1603, C.c. MARIA PIRES, fª de João Pires Rodrigues e de s/m. Mécia Rodrigues, grandes amigos da Ordem Jesuítica, em S. Paulo (NPHG). Serviu na Câmara os cargos de almotacel em 1650, juiz ordinário em 1636 e 1656 (ACCSP, IV, 280; V, 405 e VI, 62) sendo nomeado procurador da Coroa, em 1666. Segundo Américo de Moura, Francisco Nunes de Siqueira considerava tia a prima consanguínea Mécia Nunes Bicudo, casada com Manuel de Siqueira, n. por 1570, fº de Antonio de Siqueira (Mendonça) n. por 1536, e de s/m. Vitória Pinto, n. em S. Vicente por 1554. Era Mécia Nunes Bicudo uma das filhas do Ouvidor Antônio Bicudo e de s/m. Isabel Rodrigues (S.L.) e neta paterna, creio, de Vicente Anes Bicudo, escrivão na vila de Ribeira Grande, Açores, e de

s/m. Mécia Nunes, da Ilha de S. Miguel. Faleceu com testamento em 1681 (DAESP).

- 6 (III) - PAULA NUNES DE SIQUEIRA, n. em 1605, C. por 1623 c. JOÃO DA COSTA DE CARVALHO, natural da freguesia de S. João de Canelas, bispado de Coimbra. São os avós maternos do Cônego João Gonçalves da Costa, n. em 1661, que serviu na Sé de S. Paulo, falecido em 1754 (S.L., 8º, p. 227).
- 7 (III) - CAP. MANUEL NUNES DE SIQUEIRA, C.c. CATARINA PRADO, que segue.

- III- CAP. MANUEL NUNES DE SIQUEIRA, n. em São Paulo em 1607, C. a 9 de junho de 1642 c. CATARINA DO PRADO, n. em 1625, fª de Domingos Rodrigues Velho e de s/m. Luzia da Cunha (Inv. e Test., XI, 308); n. p. do Cap. Antônio Rodrigues Velho (irmão do Cap. Francisco Rodrigues Velho, provedor dos quintos reais de S. Majestade, em 1623) e de s/m. Joana de Castilho e n.m. de João Gago da Cunha (n. em 1573) e de s/m. Catarina do Prado (Inv. e Test., XV, 83).

Na Câmara de S. Paulo, serviu o Cap. Manuel Nunes de Siqueira o cargo de almotacel, em 1650; eleito vereador em 1663, foi excluído por ser tio afim do vereador André Baruel (ACCSP, V, 445 e VI, anexo, 318).

Faleceu em 1665, sendo inventariado em S. Paulo (inventário danificado). Ignora-se o falecimento da mulher.

Pais de (mencionados por Silva Leme – 8º, 211):

- 1 (IV) - MARIA NUNES, n. por 1643, C. por 1660 c. MANUEL FERNANDES VELHO, que deve ser o capitão desse nome, nascido em 1636, fº de Manuel Fernandes Velho (n. por 1600) e de s/m. Isabel Rodrigues (casados na Sé a ... de novembro de 1635). Em S. Paulo, a 10 de maio de 1702, perante o Ouvidor Geral Antônio Luís Peleja, num processo de justificação (creio para instrumento de abonação etc.) foram qualificadas diversas testemunhas, entre as quais o Cap. Manuel Fernandes Velho, homem nobre, com sessenta e seis anos de idade, natural e morador nessa vila.<sup>7</sup> Em

<sup>7</sup> Processo com falta dos títulos e partes, com traslados de justificações, depoimentos e certidões, tratando da ascendência de diversas famílias de S. Paulo: Morais Dantas, Castanho Taques, Proenças etc. Entre as testemunhas do processo, no referido ano de 1702, todas com a qualificação de “pessoas nobres”, compareceram as seguintes:

1640, Manuel Fernandes Velho, n. por 1600 (v. R. ASBRAP, n. 6, p. 211) servia o cargo de escrivão da almotaçaria (RGCSP, II, 155); em janeiro de 1643, o escrivão em exercício (o mesmo ou outro?) vem mencionado como primo de Paulo do Amaral, n. em 1585, que, em razão do parentesco, ficou impedido de exercer o cargo de almotacel “que lhe competia por ter sido eleito juiz ordinário no ano anterior” (ACCSP, V, 150). Manuel Fernandes Velho (casado em 1635) era filho de André Fernandes e de s/m. Susana Rodrigues e sobrinho paterno do Cap. João Pais (juiz ordinário em 1657) de Jerônima Fernandes, declarada “mulher nobre e honrada”, no Juízo de Órfãos, C.c. o Cap. Baltazar Gonçalves Málio, nomeado tutor de dois sobrinhos órfãos, em 1619 (Inv. e Test., XXX, 205) e de Isabel Fernandes C.c. Manuel Rodrigues Góis, pais dos mencionados órfãos.

- 2 (IV) - LUZIA NUNES, n. por 1645, C.c. MANUEL NUNES DA ROSA (S.L.).
  - 3 (IV) - CAP. JOSÉ NUNES DE SIQUEIRA, n. na freguesia de S. João de Atibaia. Segue.
  - 4 (IV) - CATARINA NUNES DE SIQUEIRA, bat. em S. Paulo a 24 de novembro de 1647, C.c. MANUEL SOARES VIANA (S.L.).
  - 5 (IV) - DOMINGOS, bat. a 8 de abril de 1651.
  - 6 (IV) - MANUEL NUNES DE SIQUEIRA, n. por 1653, teve uma doação de meia libra de ouro no testamento de sua cunhada Maria Velho do Rosário, falecida em Guaratinguetá, em 1737.
  - 7 (IV) - SARGENTO MOR GASPAS NUNES DE SIQUEIRA, (ou Nunes Fortuna) n. por 1655, C.c. MARIA VELHO DO ROSÁRIO. Segue no §4º.
- IV- CAP. JOSÉ NUNES DE SIQUEIRA, bat. na Sé a ... de setembro de 1646. C. por 1665 c. ANA BARBOSA DE LIMA (S.L., 7º, 150) falecida em 1686; C. 2ª vez c. MÉCIA BUENO DE MORAIS (*ibidem*, 84) falecida em 1693; C. 3ª vez, cerca de 1694 c. ANA LUÍS MONTEIRO e 4ª vez em 1701 c. MARIA DE

- 
- 1- Capitão Antônio Ribeiro Baião, que vivia de sua fazenda, c. 73 anos de idade.
  - 2- Pedro Jacome Vieira, que vivia de sua fazenda, c. 79 anos de idade, morador à rua de S. Bento.
  - 3- Antônio de Godói Moreira, homem nobre e principal, c. 67 anos de idade.
  - 4- Ana de Lara de Morais, c. 90 anos de idade, viúva de Francisco Martins Boinilha (DAESP)

ESTRADAS, f<sup>o</sup> do Coronel Gregório Teles de Menezes<sup>8</sup>, n. depois de 1642, e de s/m. Isabel de Estradas (n. por 1650) a qual seria filha ou parente de Diogo Mendes de Estrada (n. por 1605) juiz ordinário em Santos em 1639 (Inv. e Test., X, 26) ou neta (em estudo) do Sargento Mor Afonso Mendes de Estrada (n. por 1570) e de s/m. Isabel da Mota (n. por 1580).

Em 1693, exercia o Cap. José Nunes de Siqueira o ofício de “contratador mor” ou “contratador real dos dízimos das Capitâneas de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém e de S. Vicente e das demais partes”. Na vila de Taubaté, no referido ano, pelo seu procurador Antônio de Oliveira Guimarães, arrendou o ramo dos dízimos dessa vila ao Sargento Mor Carlos Pedroso da Silveira, operação no valor de 280\$000, lavrada por escritura do tabelião Miguel de Sousa Silva (AHMFG). Em S. Paulo, a 28 de dezembro do mesmo ano, deu quitação de avença de dízimos ao Padre Félix Nabor, testamenteiro do Cap. Jerônimo Bueno (Inv. e Test., XXIII, 60).

Pertenceu à categoria dos elegíveis da Câmara e foi nomeado almotacel em maio de 1687 (ACCSP, VII, 315 e 327)

A 15 de abril de 1700, no processo matrimonial dos justificantes Domingos de Brito e Maria de Matos declarou, como testemunha, ser parente por consangüinidade em 2º grau (desigual) da contraente, neta materna de sua tia, Catarina de Mendonça, casada com Pedro Gonçalves Varejão (ACMSP).

Em 1701, no processo de habilitação sacerdotal de Estanislau de Moraes, nos autos das inquirições, compareceu com diversos depoentes, todos, conforme se atestou, “cristãos velhos sem fama ou rumor em contrário” (ACMSP)

Faleceu o capitão José Nunes de Siqueira a 19 de janeiro de 1705, sendo aberto o inventário a 22 de maio (DAESP)

Entre os bens do casal declarou a viúva, inventariante, casas na vila, avaliadas em 438\$000, terras em “Cahaosara” (a metade pertencente à órfã Maria, filha de Ana Luís Monteiro) dívidas ativas e dois escravos (o que somou o monte partível de 764\$625) e três administrados, desistindo de herdar alguns herdeiros.

---

<sup>8</sup> Segundo o Dr. Marcelo M. Amaral Bogaciovas, o Coronel Gregório Teles de Menezes seria filho do Cap. Antônio de Caldas Telo, bat. em 1618 no Rio de Janeiro, e de s/m. Tomácia de Alvarenga (casados em S. Paulo em janeiro de 1642; o referido Cap. Antônio de Caldas Telo, irmão do Padre Francisco de Caldas Telo, clérigo do hábito de S. Pedro.

Em 1718, residia a viúva na capela de Nossa Senhora de Nazaré, estando casada segunda vez com o Cap. João Ortiz de Camargo (DAESP). Havia falecido a 3ª mulher, Ana Luís Monteiro, sem testamento, cerca de 1700; anos depois, a 18 de maio de 1705, iniciou-se o inventário, em casas de morada de João Teles Fogaça, irmão da inventariante, Maria de Estradas<sup>9</sup> (S.L., 1º, p. 299). Avaliaram-se entre os bens: uma morada de casas de dois lances, à rua da Boa Vista (450\$000) terras em Cahajosara e quatro escravos, somando o monte mor 1:131\$717 (para as legítimas etc.) e dois administrados do gentio.

Teve o Cap. José Nunes de Siqueira geração dos quatro matrimônios, descrita por Silva Leme.

Da 1ª mulher, entre outros:

- 1 (V) - FREI RAIMUNDO, da Ordem de S. Francisco, em S. Paulo.
- 2 (V) - FREI FÉLIX, da mesma Ordem.
- 3 (V) - MARIA DE LIMA SIQUEIRA, bat. em 1670, C. em S. Paulo c. o CAP. FERNANDO DE AGUIRRE DO AMARAL. São os pais do Muito Reverendo Dr. Francisco Ângelo Xavier de Aguirre, vigário da Vara, em Guaratinguetá (R. ASBRAP, n. 1, p. 102).

Da 3ª mulher, Ana Luís Monteiro

- 4 (V) - SALVADOR, bat. na matriz de S. Paulo a 12 de maio de 1695, pelo Padre João Gonçalves da Costa, que assinou o termo; foram padrinhos o Cap. Mor Manuel Bueno da Fonseca e D. Maria Bueno (Sé, p. 275 v.).
- 5 (V) - MARIA NUNES DE SIQUEIRA, C.c. o CAP. JOSÉ GOMES DE GOUVEIA. Segue.

- V- MARIA NUNES DE SIQUEIRA, bat. por Frei Pedro da Conceição, da Ordem de S. Francisco, a 5 de setembro de 1698 (autorizado pelo vigário Padre João Gonçalves da Costa, que assinou o termo) teve os padrinhos o Cap. Tomás da Costa e Paula da Costa (Sé, p. 304). Segundo o termo de batismo de um neto, foi Maria Nunes batizada em Santa Ana, fazenda dos padres da Companhia de Jesus da cidade de S. Paulo (Freguesia do Facão, livro de 1752/55, fls. 3).

---

<sup>9</sup> Inventário de Ana Luís Monteiro copiado pelo Dr. Marcelo M. A. Bogaciovas em pesquisas no DAESP.

A 11 de maio de 1716, na vila de Guaratinguetá, em pousadas de Maria Velho do Rosário, firmou o contrato de casamento com José Gomes de Gouveia, em presença do vigário Frei João da Costa e Almeida e do escrivão Manuel de Andrade Caldas.

José Gomes de Gouveia, nascido em 1686, na cidade de Faro, Algarve, era filho de Manuel Gomes e de s/m. Francisca Pires, mencionados no seu testamento, e irmão, por parte paterna, de Frei João de Faro, eleito Bispo de Cabo Verde, em 1738 (nota 3<sup>a</sup>).

Residiu primeiramente na vila de Parati transferindo-se pouco tempo depois para o lugar chamado Facão, termo da vila de Guaratinguetá. Houve no processo de seu casamento (autuado no Juízo Eclesiástico de Taubaté) Justificação de Estado (de solteiro e desimpedido) de ambos os contraentes, com proclamas em Faro e S. Paulo e inquirições de testemunhas em Parati e Guaratinguetá (ACMSP).

Nessa vila, teve o posto de capitão e, como membro da governança eleita, exerceu o cargo de juiz ordinário em 1726 e 1731 (Querelas, livro n. 6, anos de 1722/1780, fls. 6 e 16 v.)

Conforme seu testamento, possuía um sítio no caminho do mar na paragem do Facão, com uma légua de estrada ou o que na verdade se achasse na carta de sesmaria ou pelas escrituras, com casas de taipa de mão e telha, de quatro lanços etc. (DAESP)

Faleceu em Pindamonhangaba, onde se encontrava em tratamento de saúde, com testamento, escrito nessa vila por Francisco da Silva Ramos e assinado pelo testador, em seu perfeito juízo e entendimento; aprovado o testamento pelo escrivão Leão de Melo de Vasconcelos, a 16 de agosto de 1731<sup>10</sup> e no mesmo dia aberto pelo juiz ordinário e de órfãos, Cap. Mor Francisco de Góis da Costa. Fez declarações pias e determinou seu sepultamento na capela mor da matriz dessa vila, seu corpo em hábito de S. Francisco, acompanhado pelos sacerdotes e terceiros, irmandades e confrarias; que todos os sacerdotes lhe celebrassem um ofício de corpo presente e cem missas por alma das pessoas falecidas com quem teve negócios. Encomendou mais, conforme a terça, oito capelas de missas (400 missas) por sua alma: duas capelas em louvor a Nossa Senhora da Conceição e do Rosário, duas ao santo de seu nome, duas ao anjo de guarda e duas pelas almas.

---

<sup>10</sup> Serviram como testemunhas da aprovação: Manuel Preto Cardoso, José Carvalho Marinho, Francisco Pereira de Magalhães, Pedro Sanches Barreto, Félix Sanches Barreto, Antônio Jorge da Silva, todos moradores nessa vila.

Instituiu suas filhas herdeiras do remanescente da terça e à sua mãe, Francisca Pires, residente em Faro, destinou 200\$000 (em sua falta, a Estevão Gomes, irmão do testador).

Nomeou testamentários Rafael da Fonseca, André de Sampaio e o Sargento Mor Domingos Rodrigues de Carvalho.

Menciona no testamento um importante legado de causas pias e a instituição da capela de Nossa Senhora da Conceição, com as disposições seguintes (grafia atualizada): “Declaro que no meu sítio chamado Facão há uma capela de Nossa Senhora da Conceição, que tudo o que há nela pertence à dita Senhora e assim mais, tem de dote quinhentas braças de terras no fim do sertão do sítio Jaquihy; e ao mestre que fez a dita capela José Luís de Aguiar lhe abaterão vinte mil réis da maior conta que deve como consta no crédito e obrigação. Declaro que a administração da dita capela fica a minha mulher Maria Nunes de Siqueira para satisfazer meu legado o de causas pias aqui declaradas e dar expediente ao mais que pelo meu testamento ordeno” (DAESP). Foi o inventário aberto em Guaratinguetá, na freguesia do Facão, a 11 de setembro de 1731, pelo juiz João Fernandes Sousa, e, pela viúva, assinou seu cunhado João de Mendonça Peçanha.

Avaliaram-se, entre os bens, o sítio onde residia, na mencionada freguesia, adquirido por títulos de compra e sesmaria, com as terras e sertão, três lances de casas de vivenda de taipa de mão e telha, rancho de passageiros coberto de telha, senzalas, ferramentas de lavoura, cavalos, porcos, cinquenta cabeças de gado vacum, dois lances de casas na vila de Guaratinguetá, de taipa de pilão e telha e vinte e um escravos, tudo no valor de 4:572\$455, com o monte partível de 3:677\$125 (sentença pelo mesmo juiz a 3 de julho de 1732).

Casou a viúva nessa vila a 8 de julho de 1737 com FRANCISCO DE MENDONÇA CAVACO, nascido na cidade de Faro, cerca de 1703, fº de Francisco Martins Rolan Guize e de s/m. Beatriz Fernandes Rodrigues.

Faleceu Maria Nunes de Siqueira na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Facão, a 1º de março de 1774, sem testamento; seu corpo, em hábito dos terceiros de S. Francisco, acompanhado pelo pároco com a cruz da igreja, celebrando-se missa e ofício de corpo presente, foi sepultado na matriz de Nossa Senhora da Conceição, em campa da Irmandade do Santíssimo, da qual seu marido era irmão (Óbitos, 1759-1780).

Francisco de Mendonça Cavaco, com os principais moradores do lugar, havia conseguido, em requerimento às autoridades eclesiásticas, a instituição da Irmandade do Santíssimo Sacramento, nessa freguesia, onde faleceu em 1778 (Diocese de Lorena).

Teve Maria Nunes de Siqueira do primeiro casamento seis filhos e duas filhas (título Gomes de Siqueira) a respeito dos quais seguem alguns elementos:

- 1 (VI) - MANUEL GOMES DE SIQUEIRA, n. em S. Paulo cerca de 1719, C.c. ANA CARVALHO DE SOUSA, natural de Parati, fª de João Mollem, francês, e de s/m. Tomásia de Alvarenga Moreira, natural de Angra dos Reis (da nobiliarquia paulista e fluminense). Pais de, entre outros:
- 1 (VII)- SALVADOR GOMES DE SIQUEIRA, n. cerca de 1739, C.c. TERESA MARIA DE OLIVEIRA, fª de Pascoal de Oliveira Couto, natural da cidade de Braga, e de s/m. Gertrudes Maria de Jesus, por esta, neta do Cap. João Raposo de Brito (S.L., 3º, p. 89) e de s/m. Mécia Nunes Bicudo, por esta, bisneta de Manuel Garcia da Cunha e de s/m. Margarida Gago Bicudo<sup>11</sup>. São bisavós do Padre Francisco José Calaçañcio, habilitado de *genere* em 1830 (título Queirós Mascarenhas).
- 2 (VII)- FLORA MARIA DE SIQUEIRA C.c. FRANCISCO RODRIGUES DE CARVALHO, fº de João Rodrigues, natural de Vila Verde, freguesia de S. Simão, bispado de Leiria, e de s/m. Josefa de Gouveia Oliveira, natural da freguesia de S. José, da cidade do Rio de Janeiro.
- 2 (VI) - CAP. MOR JOSÉ GOMES DE GOUVEIA, n. em 1720, C. em Taubaté, a 22 de abril de 1742 c. MARIA BARBOSA DA SILVA, n. em 1717, fª de Domingos Vaz Guedes e de s/m. Mariana Barbosa, N.p. do Tenente Domingos Vaz de Siqueira e de s/m. Maria de Gusmão (S.L., 5º, p. 137) e n.m. de Baltazar do Rego Calheiros e de s/m. Luzia Rodrigues de Almeida (S.L., 3º, p. 89). Por patente expedida pelo Capitão General D. Luís Antônio de Sousa a 17 de dezembro de 1772, teve o posto de capitão mor regente da povoação de Nossa Senhora dos Prazeres do sertão dos Goatins e as jacentes Campanhas de Vacaria, da Capitania de S. Paulo. Comandou nesses anos a praça forte do Iguatemi. Faleceu, segundo os autores, em Mogi Mirim. Alguns de seus filhos e netos passaram a residir em S. Luís do Paraitinga, onde foram grandes fazendeiros, entre os quais:

---

<sup>11</sup> Ver Bogaciovas, Dr. Marcelo Meira Amaral – “O casal Gaspar Vaz da Cunha – Feliciano Bicudo Garcia” (R. ASBRAP, n. 1, p. 154).

- 1 (VII)- CAP. MOR JOSÉ GOMES DE GOUVEIA E SILVA, n. em Mogi Guaçu em 1745 e falecido em S. Luís do Paraitinga em 1826. Casou-se com JOANA MARIA DA SILVA, n. em 1757 e falecida nessa vila em 1825, f<sup>a</sup> do Cap. Nuno dos Reis dos Santos, natural da freguesia de Benfca, patriarcado de Lisboa, e de s/m. Ana da Silva (título Lopes Figueira). Elegeu-se juiz ordinário em S. Luís, em 1781, e exerceu o cargo de juiz de órfãos trienal em Cunha, nos anos de 1789 a 1794 etc. (Arquivo Judiciário). Teve patente de alferes a 5 de julho de 1777, dada pelo Cap. General Martim Lopes Lobo de Saldanha. Em 1794, servia o posto de sargento mor, por provisão do Cap. General Bernardo José de Lorena, confirmada pelo Conselho Ultramarino a 23 de outubro de 1798. Alguns anos depois recebeu patente de capitão mor da vila de S. Luís, com decreto de confirmação do Imperador a 12 de janeiro de 1824. Em 1822, na sua fazenda, trabalhava com setenta e seis escravos. São avós maternos do COMENDADOR ANTÔNIO FRANCISCO DE GOUVEIA E CASTRO, nascido na vila de S. João do Príncipe, Rio de Janeiro, capitalista e fazendeiro em Taubaté, C.c. ESCOLÁSTICA MARIA NOGUEIRA, irmã do barão de Joatinga.
- 2 (VII)- TENENTE JOÃO BONIFÁCIO DE MENDONÇA E GOUVEIA C.c. ANA FRANCISCA XAVIER LEITE, f<sup>a</sup> do Guarda Mor Gaspar Correia Leite e de s/m. Manuela Perpétua de Cerqueira Leite, de S. Paulo. Faleceu em 1791 (Silveira, Dr. Carlos “Subsídios Genealógicos”, p. 82). Entre seus netos, o DESEMBARGADOR JOÃO BONIFÁCIO GOMES DE SIQUEIRA, que exerceu os cargos de vice-presidente e de governador do Estado de Goiás, conforme escreveu o Desembargador João Francisco de Oliveira Godói (“Subsídios para a Genealogia Goiana”, In: “Revista Genealógica Brasileira”, n. 3, p. 139).
- 3 (VII)- SARGENTO MOR SALVADOR GOMES DE GOUVEIA E SILVA, n. em Mogi-Mirim em 1758, C. em Cunha, a 18 de fevereiro de 1784, c. VITÓRIA GOMES DA SILVA (irmã do Padre José Gomes Granito e outros) f<sup>a</sup> de José Gomes Granito, natural da cidade de Évora, e de s/m. Inácia da Silva (título Lopes Figueira). Em 1824, na sua

fazenda, em S. Luís, trabalhava com quarenta escravos (DAESP).

- 3 (VI) - CAP. JOÃO GOMES DE SIQUEIRA, bat. a 8 de junho de 1722, C.c. ANA MARIA DO MONTE (S.L., 8º, p. 212).
- 4 (VI) - ILDEFONSO GOMES DE SIQUEIRA, n. em 1727, C. em 1780 c. MARIA ROSA DE TOLEDO SILVA, viúva de Manuel Monteiro de Almeida.
- 5 (VI) - ALFERES FÉLIX GOMES DE SIQUEIRA, n. em 1731, C. a primeira vez c. JOANA MARIA DA SILVA, n. em 1740, fª do Tenente Nicolau Monteiro, natural de Albufeira, Algarve, e de s/m. Florência da Silva; n. p. de Diogo Mendes Monteiro (de Ledesma) e de s/m. Filipa da Cruz e n.m. do Cap. Manuel Lopes Figueira e de s/m. Joana (Tavares) da Silva. Casou segunda vez, a 31 de julho de 1767, c. ANA JOAQUINA DE FRANÇA, n. em 1746, fª do Cap. Mor Antonio Galvão de França e de s/m. Isabel Leite de Barros, inventariados em Guaratinguetá<sup>12</sup>. Exerceu o cargo de juiz ordinário nessa vila, em 1780, e em Cunha, em 1790 (Arquivo Judiciário). Na Irmandade de Nossa Senhora Aparecida foi presidente, em 1772. Faleceu em Cunha, com testamento, a 21 de abril de 1794, sendo inventariado nessa vila.
- 6 (VI) - GABRIEL GOMES DE SIQUEIRA, n. em 1732, C.c. ROSA MARIA DE SAMPAIO, fª do Sargento Mor André de Sampaio e de s/m. Maria da Silva (título Lopes Figueira).
- 7 (VI) - ZEFERINA FRANCISCA DE GOUVEIA, n. em 1718, C.c. JOSÉ DOS SANTOS SOUSA, n. em 1707, na freguesia de S. Vicente de Alcábaldeche, distrito de Cascais, patriarcado de Lisboa, fº de Francisco dos Santos Delgado e de s/m. Rosa Maria do Vale. Tiveram quatro filhos e sete filhas (título Santos Sousa) dos quais:
- 1 (VII)- SARGENTO MOR VITORIANO DOS SANTOS SOUSA, n. em 1737, C. em Cunha, a 13 de novembro de 1775, C. ISABEL MARIA DOS SANTOS, n. em 1750, fª do Tenente Nicolau Monteiro, do Algarve, e de s/m. Florência da Silva, já mencionados. Elegeu-se juiz ordinário em Guaratinguetá, em 1773, e em Cunha, em 1788, e figura como um dos principais promotores da emancipação

<sup>12</sup> No inventário do Cap. Mor Antônio Galvão de França, em 1770, o formal de partilha de cada um dos oito herdeiros foi de 5:277\$379, procedente de um monte partível de 42:219\$032; no inventário de sua mulher, Isabel Leite de Barros, em 1755, o monte partível havia sido de 41:253\$030 (Arquivo Judiciário).

- política dessa vila (que ocorreu em 28 de outubro de 1785). Casou segunda vez, a 29 de maio de 1784, c. MARIA DIAS DE MOURA, natural de Parati, fª de Pascoal Dias, natural de Monte Alegre, Portugal, e de s/m. Maria Correia de Moura, por esta, neta do Cap. Antônio Correia de Moura, natural de Portugal, e de s/m. Maria Rangel, de Parati. Faleceu em 1791. São os pais do Licenciado Vitoriano José dos Santos Dias, n. em 1785, C. em Cunha, a 24 de dezembro de 1803, c. Ana Maria da Conceição, fª do Guarda Mor Pedro dos Santos Sousa e de s/m. Ana Maria da Silva Gomes; depois de viúvo, ordenou-se padre secular (entre seus netos o Marechal Manuel Eufrásio dos Santos Dias).
- 2 (VII)- GUARDA MOR PEDRO DOS SANTOS SOUSA, n. em 1744, C.c. ANA MARIA DA SILVA GOMES, acima referidos.
- 3 (VII)- TENENTE CORONEL JOSÉ DOS SANTOS SOUSA, n. em 1752, C.c. MARIANA GOMES DA SILVA, irmã da cunhada anterior.
- 4 (VII)- TEODORA FRANCISCA DA GOUVEIA, n. em 1746, C.c. o ALFERES NUNO DA SILVA REIS, fº do Cap. Nuno dos Reis dos Santos e de s/m. Ana da Silva, já mencionados. São os pais de TEODORA FRANCISCA DOS REIS C. em Cunha, em 1803, c. o CAP. MOR ANTÔNIO MANUEL DE FREITAS, barão de Rio Claro, Rio de Janeiro, fº do Cap. Manuel Antônio da Silva e de s/m. Florência Maria da Silva (Silveira, Dr. Carlos – “Os Lopes Figueira do Facão, p. 25).
- 8 (VI) - CATARINA GOMES DE SIQUEIRA, n. em 1729, C. em Guaratinguetá a 4 de abril de 1746, c. o CAP. JOSÉ GOMES DA MOTA, natural da freguesia de Arrifana de Sousa, bispado do Porto, fº de Antonio Gomes Castanho e de s/m. Maria Ferreira. Entre seus filhos:
- 1 (VII)- CAP. MOR JOSÉ GOMES DE SIQUEIRA E MOTA, bat. a 19 de março de 1747. Teve o posto de capitão e habilitou-se de *genere et moribus* em 1783 (ACMSP). Desistiu das ordens sacras e casou-se com ANA JACINTA DE FRANÇA, fª do Cap. Mor Antonio Galvão de França e de s/m. Isabel Leite de Barros. Elegeu-se juiz da Irmandade de Nossa Senhora Aparecida nos anos de 1780, 1793, 1807, 1808 etc. (Actas da Capela – livro de ref. 6-2-9). A 22 de fevereiro de 1791, recebeu patente de ca-

pitão mor da vila de Cunha, expedida pelo Cap. General Bernardo José de Lorena. Exerceu nessa vila o cargo de juiz de órfãos trienal nos anos de 1810 a 1812 etc. Faleceu em 1819 e s/m. em 1825.

Teve Maria Nunes de Siqueira do segundo casamento a filha:

9 (VI) - MARIA FRANCISCA DA FONSECA, bat. a 5 de março de 1741 pelo Padre João Gonçalves Novais, teve os padrinhos Luís da Silva Porto e Zeferina Francisca (de Gouveia). Casou a 25 de setembro de 1777 c. o GUARDA MOR DOMINGOS JOSÉ VIEIRA (irmão do Sargento Mor Francisco José Vieira, morador de Parati) natural da freguesia de S. Salvador das Rossas, comarca de Guimarães, arcebispado de Braga, fº de Manuel Mendes e de s/m. Antonia Vieira de Novais<sup>13</sup>. Pais de:

1 (VII)- DOMINGOS NOVAIS DE MENDONÇA, bat. na Matriz de Nossa Senhora dos Remédios de Parati a 23 de outubro de 1782, habilitou-se de *genere* em S. Paulo a 3 de outubro de 1805.

2 (VII)- MARIA FRANCISCA DE NOVAIS FONSECA, natural de Parati, C. em Cunha, a 19 de novembro de 1792, c. o SARGENTO MOR ANTÔNIO JOSÉ DE MACEDO SAMPAIO, fº de Francisco José de Macedo, natural da vila de Setúbal, e de s/m. Mariana Francisca de Sampaio, por esta, neto do Sargento Mor André de Sampaio, natural do Alentejo, e de s/m. Maria da Silva (título Lopes Figueira). Em 1827, trazia os títulos de: Antonio José de Macedo Sampaio, professo na Ordem de Cristo, fidalgo de linhagem, comandante do batalhão nº 37 da 2ª linha do Exército, comandante militar da vila de Cunha e as mais por sua Majestade Imperial, que Deus guarde etc. (ANRJ).

#### § 4º

---

<sup>13</sup> Outras pessoas do ramo português “Vieira de Novais” residiam em Cunha e Guaratinguetá.

- IV- SARGENTO MOR GASPAR NUNES DE SIQUEIRA (neto de Antônio Nunes de Siqueira, do §3º) n. em S. Paulo por 1655, C. na vila de Guaratinguetá c. MARIA VELHO DO ROSÁRIO, natural dessa vila, fª do Cap. Domingos Velho Cabral e de s/m. Ana da Silva Leme. Por morte do pai herdou Maria Velho, em 1662, as terras situadas no lugar chamado Facão. Faleceu viúva, com testamento, escrito pelo Padre Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e aberto pelo juiz ordinário Tenente José Gonçalves da Cruz, a 17 de julho de 1737; nomeou testamenteiros o Cap. Antônio da Silva e o Cap. Marcos Gonçalves Terra. Determinou seu sepultamento na Matriz de Santo Antônio, junto ao altar de Nossa Senhora do Rosário, com o acompanhamento do vigário e dos demais sacerdotes presentes na vila, com as cruzes do Santíssimo Sacramento, Almas, Santo Antônio e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário; dispôs missas de corpo presente e cinquenta missas no Convento de Santa Clara, de Taubaté, sob diversas intenções pi-as. Fez deixas a seu cunhado Manuel Nunes de Siqueira ou seus herdeiros, à sua sobrinha, mulher de André do Prado Leme, já falecido, à filha destes, sua sobrinha Ana da Silva Leme, à capela da Ordem Terceira, de Taubaté, e à Irmandade das Almas; e o remanescente de seus bens em sufrágios por seus pais etc. As casas e a chácara onde morava pertenciam a Maria Nunes de Siqueira, mulher que foi de José Gomes de Gouveia (DAESP). Tiveram dois filhos, falecidos sem herdeiros.

**NOTA 1ª****A**

“Genealogia Paulistana”, de Silva Leme, Título Siqueiras Mendonças  
(Algumas considerações)

## § 1º

- I- ANTÔNIO DE SIQUEIRA MENDONÇA, n. em Portugal cerca de 1536, veio para a Capitânia de S. Vicente por 1559, e obteve sesmaria de meia légua no campo. Segundo Frei Gaspar da Madre de Deus (“Memórias para a História”, p. 78, edição de 1953) requereu a confirmação da sesmaria no Cartório da Fazenda Real de S. Paulo (creio por volta de 1569) sendo genro de Antônio Pinto (registrada a carta de confirmação no livro II, de sesmarias, título 1562, fls. 143 verso).

Teria casado a primeira vez, por 1559, c. ... NUNES (n. por 1544 ou antes) fª de Antão Nunes e de s/m. Isabel Botelho, e segunda vez, em Santos, c. VITÓRIA PINTO, n. cerca de 1554, fª de Antônio Pinto, escrivão e tabelião nessa vila, e de s/m. ... Pires (n. por 1539) por esta, neta de Vicente Pires (n. por 1518 ou antes) e de s/m. ... Gonçalves Figueira (?) (n. por 1523 ou antes) todos naturais de Portugal, pelas datas (ver adiante).

Foi Antônio de Siqueira tabelião em Santos, por muitos anos, com interrupções (?) desde o ano de 1567 (seguindo a profissão do sogro) até por volta de 1613, como se vê das numerosas escrituras transcritas nos arquivos da Ordem do Carmo e mencionadas por Frei Gaspar da Madre de Deus (RIHGSP, XLIV, p. 227/288). Em 1586, exerceu em Santos o cargo de vereador (*id.*, 249). Segundo Pedro Taques, serviu também nessa vila o cargo de escrivão da Câmara (NPHG, II, 242).

A 10 de junho de 1594, sendo morador em Santos, fez permuta, na Vila de S. Paulo, com o juiz ordinário Garcia Rodrigues e s/m. Catarina Dias de uns chãos que possuía nessa vila, comprados de Domingos Afonso e s/m. Ana Camacho (chãos que haviam pertencido a Álvaro Eanes); os que foram dados por Garcia Rodrigues, na permuta, procediam da herança recebida de seus pais Garcia Rodrigues e sua mulher (sem menção do nome) e situavam-se no arrabalde da vila “no caminho da Ponte Grande e Tabatingüera” (RGCSP, VII, 21).

Segundo Frei Gaspar, a 25 de setembro de 1600, com outorga de sua mulher Vitória Pinto, vendeu em S. Paulo uma morada de casas a Estevão Ribeiro, o velho (“Memórias para a História...”, p. 78) e ainda vivia em 1613 (RIHGSP, XLIV, 239).

Se confirmado o primeiro casamento, foram seus filhos:

- 1 (II)- ANTÔNIO NUNES DE SIQUEIRA, n. por 1561, C.c. MARIA MACIEL.
- 2 (II)- PEDRO NUNES DE SIQUEIRA, n. em Santos em 1565 (RIHGSP, XLIV, 274) com descendência nessa vila (S.L., 8º, 404).
- 3 (II)- (?) CATARINA DE MENDONÇA, n. por 1563 (em estudo).

De Vitória Pinto teve ao menos sete filhos, quatro com descendência descrita por Silva Leme (7º, 470):

- 4 (II)- MANUEL DE SIQUEIRA, n. por 1570, C. por 1596 c. MÉCIA NUNES BICUDO, n. por 1580, fº do Ouvidor Antônio Bicudo e de s/m. Isabel Rodrigues. Faleceu em 1614 e foi inventariado em S. Paulo. Seu filho mais velho, ANTÔNIO DE SIQUEIRA CALDEIRA C.c. ANA DE GÓIS (S.L., 7º, 509) nasceu em 1597 (Inv. e Test., XI, 36); com grande geração.
- 5 (II)- ANTÔNIO DE SIQUEIRA MENDONÇA, morador em Santos e procurador de seu irmão Manuel de Siqueira em 1614 (*ibidem*, 37). Segundo Pedro Taques, foi progenitor dos Siqueiras Mendonças das vilas de Santos e S. Vicente (S.L., 7º, 546).
- 6 (II)- LOURENÇO DE SIQUEIRA MENDONÇA C. cerca de 1610 c. MARGARIDA RODRIGUES, e falecido em 1633 (Inv. e Test., XIII, 3) tiveram dez filhos nascidos entre os anos de 1611 e 1631 (S.L., 7º, 470).
- 7 (II)- FRANCISCO DE SIQUEIRA, vivia em 1633 (Inv. e Test., XIII, 8) não vem mencionado por Silva Leme. Creio que residiu em Iguape.
- 8 (II)- BEATRIZ DE SIQUEIRA MENDONÇA, n. por 1574, C. por 1590 c. o CAP. ANTÔNIO GONÇALVES DAVID, n. cerca de 1567 (RIHGSP, XLIV, 274) capitão do forte do Pinhão da Vera Cruz, em Santos (NPHG, II, 66 e 241).
- 9 (II)- LUÍSA DE SIQUEIRA MENDONÇA C.c. OUVIDOR ALONSO PELAES, castelhano, fundador da capela de Santa Ana, em S. Vicente (NPHG, II, 421); c. geração (S.L., 2º, 552).

10 (II)- ANTÔNIA DE SIQUEIRA MENDONÇA, n. por 1590, C. por 1610 c. DOMINGOS DE AMORES, natural de Castela (S.L., 7º, 546). Pais de, entre outros:

III- LOURENÇO DE AMORES SIQUEIRA, n. em Santos por 1615, C.c. ÚRSULA DE ALMEIDA, n. cerca de 1626 e inventariada em Taubaté em 1723, fª de Miguel de Almeida de Miranda, n. em 1572 (testemunha no processo de *genere* de Pedro de Godói da Silva, em 1658) e de s/m. Maria do Prado, n. cerca de 1584 (já casados em 1597) falecida em 1663 (em estudo, para serem confirmadas ou retificadas algumas datas de nascimentos, dos filhos e herdeiros, declaradas nos inventários etc).

No processo matrimonial dos justificantes Domingos de Amores e Francisca Leme da Silva, em Pindamonhangaba, em 1720, se declarou o seguinte parentesco entre eles: Maria do Prado e Helena do Prado eram irmãs; de Maria do Prado (C.c. Miguel de Almeida de Miranda) nasceu Úrsula de Almeida (C.c. Lourenço de Amores de Siqueira) e desta, Maria do Prado (C.c. Gervásio Lobo de Almeida) mãe do orador; e de Helena do Prado (C.c. Pedro Leme) nasceu Brás Esteves Leme (C/c. Margarida Bocado de Brito) e deste, Brás Esteves Leme (C.c. Maria da Luiz Correia, segunda mulher) pai da oradora (ACMSP).

## B

Seguindo Pedro Taques, Silva Leme e outros autores

### § 1º

I- JORGE PIRES, n. em Portugal por 1496, cavaleiro fidalgo, esteve em S. Vicente com Martim Afonso de Sousa, em 1532, e voltou para Portugal; vinte anos depois, em 1552, conduziu do Reino sua mulher ANTÔNIA DE FIGUEIREDO e os filhos a S. Vicente. Em 1554, obteve sesmaria no Rio de Janeiro, conforme escreveu Oliveira Belchior.

Pais de, ao menos:

1 (II)- VICENTE PIRES C.c. ... GONÇALVES FIGUEIRA (?). Segue.

2 (II)- SIMÃO MACHADO, n. por 1525, C.c. MARIA DA COSTA, fª de Estevão da Costa e de s/m. Isabel Lopes de Sousa. Foi, em Santos,

escrivão da Fazenda, Alfândega e Ouvidoria, de 1554 em diante. Faleceu depois de 1611, segundo os autores.

II- VICENTE PIRES, n. por 1518 ou pouco antes, C. por 1538 c. ... GONÇALVES FIGUEIRA (?) n. em Portugal por 1523 ou antes. Pais de, ao menos:

III- ... PIRES, n. em Portugal por 1539, veio com seus pais e avós para S. Vicente, em 1552, e casou por 1553 com ANTÔNIO PINTO, nascido (creio) antes de 1520, mandado por Martim Afonso de Sousa para S. Vicente, em 1540, tendo servido em Santos o cargo de tabelião nos anos de 1552, 155..., 1560 etc. (RIHGSP, XLIV, 241, 245, 222/227 etc.). Segundo os autores pereceu num naufrágio, em viagem para Portugal. Ignora-se a data de falecimento da mulher. Pais de, ao menos:

1 (IV)- VITÓRIA PINTO, n. cerca de 1554, C. por 1569 c. ANTÔNIO DE SIQUEIRA MENDONÇA.

2 (IV)- ANTÔNIO PINTO, juiz ordinário em 1609, C.c. LUCIANA TINOCO. Segue.

IV- ANTÔNIO PINTO, n. por 1558, residiu na vila de S. Paulo. Na Câmara, com o nome de Antônio Figueira, o moço (ACCSP, I, 356) foi nomeado almotacel, em 1588 (em dúvida se teria parente desse nome em S. Paulo ou se o apelido procedia do próprio pai) mas assinava somente Antônio Pinto (*Id.*, 337).

Esteve nos principais ajuntamentos da Câmara (*id.*, 338, 448, 479 etc.); na sessão de 20 de setembro de 1592, com a maioria dos moradores, votou contra a provisão do Cap. Mor Jorge Correia, de transferir aos jesuítas a administração das aldeias indígenas (*id.*, 446/448). Em 1609, elegeu-se juiz ordinário do pelouro (ACCSP, II, 231-251; fac-símile da assinatura à p. 229).

Casou por 1590 ou antes c. LUCIANA TINOCO (ou ANTÔNIA TINOCO, segundo Pedro Taques (II, 73) f<sup>a</sup> de Francisco Rodrigues Tinoco, povoador de S. Vicente, e de s/m. ... (Vieira?).

Antônio Pinto (descrito por Américo de Moura) seria o mesmo, casado segunda vez, por 1606, com Marina de Chaves, falecida abintestada, em 1617. No inventário, arrolaram-se um sítio com casas de telha, em Iraru, duas sesmarias, uma concedida por Martim Afonso de Sousa, em Cubatão, e a outra pelo Cap. Mor Gaspar Conqueiro em ... queriby, e cerca de vinte administrados do gentio (Inv. e Test., V, 235).

Teve desse segundo matrimônio quatro filhos, nascidos entre os anos de 1607 e 1616: FRANCISCO, SEBASTIANA, SEBASTIÃO e MARIA.

### C

Seguindo Pedro Taques, Silva Leme e outros autores

#### § 1º

- I- FRANCISCO RODRIGUES TINOCO, n. em Portugal por 1530 ou pouco depois irmão de Gonçalo Rodrigues Tinoco, moradores em S. Vicente em 1554, segundo uma escritura do Cartório da Provedoria da Fazenda Real (1º livro de registro de sesmarias, título 1554) conforme escreveu Pedro Taques (NPHG, II, 73).  
Poderiam ser da família de Antônio Tinoco, n. por 1500, contador e provedor da Fazenda Real, em S. Vicente, nos anos de 1546 a 1550 (mencionado por Américo de Moura. Teria casado com ... VIEIRA (?) (v. R. ASBRAP, n. 8, p. 182/185). Pais de, ao menos:
- II- LUCIANA (ou ANTÔNIA) TINOCO, n. por 1575 ou antes, C. antes de 1590 (?) c. ANTÔNIO PINTO (ou FIGUEIRA), n. por 1558, fº de Antônio Pinto e de s/m. ... Pires. Pais de, ao menos:
- III- ANTÔNIO GONÇALVES FIGUEIRA, n. por 1590, C. por 1616 c. INÊS LAMIM, n. por 1600 e falecida viúva em Santos, a 10 de maio de 1668 (NPHG, II, 73); c. geração (S.L., 8º, 408).

### D

A identificar, referidos por Américo de Moura

- 1- DIOGO VIEIRA TINOCO, n. por 1575 (?), oficial da Câmara de S. Vicente em 1609 e 1624 (RGCSP, I, 173 e 337)

- 2- SIMÃO TINOCO, n. por 1578 (?), oficial da mesma câmara em 1622 (*Id.*, 370).
- 3- PEDRO VIEIRA TINOCO, n. por 1580 (?), juiz ordinário em S. Vicente em 1624 (*Id.*, 426)

## E

### Outros não identificados

- I- MARIA TINOCO, n. por 1595, C.c. ANDRÉ MACIEL, n. por 1580, viúvo de Paula Gomes, falecida em 1614 (S.L., 8º, 263). Faleceu André Maciel, com testamento, em 1648, na vila de Mogi; nomeou testamenteira sua mulher e dispôs sepultura no Convento de Nossa Senhora do Carmo dessa vila. Tiveram sete filhos: João, Bartolomeu, Catarina, Maria, Ana Maria, Mariana e Isabel (testamento por informação do Dr. Marcelo M. A. Bogaciovias, em pesquisa no DAESP).
- II- CATARINA TINOCO, n. (creio) cerca de 1615, C. por 1630 c. ANTÔNIO ARENSO, n. por 1608 (irmão de Domingos Arenso Botelho, juiz ordinário em Taubaté, em 1663) fº de João Dias Arenso, n. por 1580 (irmão de Antônio Dias Arenso, juiz ordinário em Mogi, em 1627) e de s/m. Isabel Botelho (R. ASBRAP, n. 10, p. 165). Seria Catarina Tinoco a filha mais velha dos mencionados André Maciel e s/m. Maria Tinoco.  
Faleceu Antônio Arenso em 1645, sendo inventariado em Mogi; entre os bens, declararam-se quinhentas braças de terras, com casas de taipa de mão e telha, casa de taipa de pilão e telha, na vila, e dezoito administrados do gentio. Foram herdeiros a viúva, Catarina Tinoco, e nove filhos em menoridade: Antônia, Leonor, Helena, Ana, João, Antônio, Domingos, Pedro e Francisco (elementos do inventário por informação do Dr. Marcelo, em pesquisa no DAESP).  
Teriam nascido os nove filhos do casal entre os anos de 1630 e 1645 (nos primeiros séculos, os europeus do Brasil costumavam ter geralmente numerosa descendência, como se vê dos documentos).  
Casou segunda vez, por 1647, c. DIOGO DE ONHATE BISCAINHO (v. § 2º, 2-III) que seria neto de Diogo de Onhate, natural da Biscaia, e de s/m. Maria Nunes.  
Entre os mencionados filhos do primeiro casamento:

- 1 (III)- ANTÔNIO GONÇALVES, nascido por 1640, falecido em Taubaté, em 1662, recém casado com MARIA GONÇALVES (creio dos Gil). Sua mãe Catarina Tinoco, citada, não quis herdar e por ela assinou seu genro João Machado (AHMFG).

Teve do segundo matrimônio, ao menos:

- 2 (III)- BEATRIZ DE ONHATE, n. por 1650, C. por 1668 c. o CAP. JOÃO MACHADO JÁCOME, bat. em S. Paulo a 28 de junho de 1643, fº de Domingos Machado Jacome e de s/m. Catarina de Barros. Faleceu em Guaratinguetá em 1732, sendo declarante do óbito seu filho Estêvão Machado (Inéditos de Silva Leme). O nome completo da mãe da falecida era Catarina Tinoco Maciel (pelo referido inventário de Antônio Gonçalves, em 1662, e pelo termo de óbito, em 1732, em relação aos dois lançamentos). O Cap. João Machado Jacome havia falecido em Taubaté, em 1721, com testamento em que declarou ter sete filhos e quatro filhas; com grande descendência (AHMFG). Uma das filhas chamava-se MARIA DE UNHATE MADUREIRA, C.c. MANUEL DE GÓIS DA COSTA.

## NOTA 2ª

### § 1º

- I- BARTOLOMEU GONÇALVES, n. por 1550, provável açoriano, morador na Capitania de Espírito Santo, para onde teria vindo casado por volta de 1575, transferindo-se cerca de trinta anos depois para a vila de S. Paulo. Em 1607, obteve da Câmara data de chãos para casas, atrás de Santo Antônio, entre os caminhos de Ibirapuera e Pinheiros (RGCSP, I, 138). Em 1611, em suas pousadas do arrabalde, situadas “além da casa do bem-aventurado Santo Antônio”, pousava Gaspar Vaz, vindo com o Juiz de Órfãos Pedro Taques, para a abertura do inventário de Francisca Cardoso, sua mulher, falecida pouco antes de 13 de março desse ano (Inv. e Test., III, 5). Eleito na governança, exerceu os cargos juiz ordinário em 1620, vereador em 1622 e vereador de barrete em 1623 (ACCSP, II, 421 e 479 e III, 20).

Foi casado três vezes: a primeira por 1575 (ignora-se o nome da mulher) a segunda na Capitania do Espírito Santo, por 1578, com BÁRBARA NOGUEIRA (que seria parenta de Pedro Nogueira de Pazes, homem nobre e da governança, com 84 anos de idade, em 1643, testemunha no processo de *genere* do Padre Sebastião de Freitas, em S. Paulo) e a terceira, cerca de 1587, com DOMINGAS RODRIGUES, irmã do referido Gaspar Vaz (Inv. e Test., VII, 97). Faleceu em 1626 com testamento (escrito a rogo por Amador Gomes). Dispôs sepultura no Mosteiro da Companhia de Jesus e encomendou vinte missas em honra das Cinco Chagas de Cristo, da Santíssima Trindade, à Misericórdia, a Nossa Senhora do Rosário e do Carmo, ao Nome de Jesus, a Santo Antônio e ...

No inventário (aberto pelo juiz de órfãos João de Brito Cassão, com o escrivão Pedro Leme, o moço) declararam-se, entre os bens, um sítio com três lanços de casas de taipa de pilão e telha, data de chãos, carta de sesmaria (pelo Cap. Gaspar Conqueiro) de uma légua de terras em “Juciri”, quarenta e nove cabeças de gado vacum, dívidas ativas, avaliado o monte líquido em 588\$200 e quatro administrados (Inv. e Test., VII, 93).

Teve da primeira mulher

1 (II)- ISABEL GONÇALVES, n. por 1576, moradora na Capitania do Espírito Santo, C. antes de 1600 c. LOURENÇO FERNANDES SANCHES, viúvo de Isabel Freire (com três filhos). Faleceu Lourenço Fernandes em S. Paulo, em 1629 (Inv. e Test., VII, 203). Pais de:

1 (III)- ESTEVÃO SANCHES DE PONTES, n. por 1600, C.c. MÉCIA SOARES CORREIA, n. por 1610, f<sup>a</sup> do Cap. Geraldo Correia Sardinha, n. em Braga, em 1577, e de s/m. Maria Soares; n. p. de Francisco Correia, natural do Porto, e de s/m. Atanásia Sardinha, natural de Braga e n.m. do Cap. João Soares, natural de Ponte de Lima, e de s/m. Mécia Rodrigues Cabral; bisneta pelo avô materno, de Antônio Fernandes Soares e de s/m. Isabel de Amorim, e pela avó, de Bartolomeu Fernandes Cabral e de s/m. Ana Rodrigues, antigos portugueses de S. Paulo. São os pais do SARGENTO MOR ESTEVÃO SANCHES DE PONTES C.c. MARIA DA VEIGA, irmã do Cap. Mor Amador Bueno da Veiga.

2 (II)- MARIA, já falecida em 1626.

Da segunda mulher, Bárbara Nogueira:

- 3 (II)- ANA, já falecida em 1626.
- 4 (II)- ÂNGELA NOGUEIRA, casada e moradora da capitania do Espírito Santo.
- 5 (II)- DOMINGAS GONÇALVES, n. por 1583, C.c. ANTÔNIO RIBEIRO ROXO. Segue.
- 6 (II)- LUZIA NOGUEIRA, n. por 1585, C.c. SEBASTIÃO MARTINS, no Espírito Santo.
- 7 (II)- ANTONIO NOGUEIRA, n. por 1587, C.c. ISABEL DIAS, f<sup>a</sup> de Lopo Dias Machado e de s/m. Beatriz Dias, portugueses de S. Paulo (da governança).

Da terceira mulher Domingas Rodrigues:

- 8 (II)- BELCHIOR DE PONTES, n. por 1588 (seu nome, indício de origem açoriana).
- 9 (II)- CATARINA DE PONTES, n. por 1590, C. a primeira vez c. SALVADOR DE LIMA. Segue no §2°.

II- DOMINGAS GONÇALVES, n. por 1583, C. por 1600 c. ANTONIO RIBEIRO ROXO, natural de Guimarães, f<sup>o</sup> de Antonio Ribeiro e de s/m. Leonor ... . Exerceu na Câmara o cargo de procurador do concelho nos anos de 1637, 1642 e 1646 (ACCSP, IV, 350 e V, 120 e 271). Faleceu Domingas Gonçalves (ignora-se a data) e casou o viúvo a 31 de maio de 1632 (Sé, 1v.) c. MARIA GONÇALVES (viúva de ... Dias), f<sup>a</sup> de André Gonçalves e de s/m. Isabel Botelho, c. geração (R. ASBRAP, n. 10, p. 170). Antônio Ribeiro Roxo foi inventariado em 1653. Nomeou testamenteira sua mulher e determinou ser sepultado na capela da Santa Casa de Misericórdia com assistência do vigário, do capelão ... e dispôs cinco missas. Possuía um sítio, seis administrados etc. (DAESP). Pais de:

- 1 (III)- ISABEL RIBEIRO C.c. ANTÔNIO RODRIGUES BAYÃO, C. geração (R. ASBRAP, n. 7, p. 217).
- 2 (III)- LEONOR RIBEIRO C.c. JOÃO DE BARROS.

- II- CATARINA DE PONTES, n. por 1590, C. por 1606 c. SALVADOR DE LIMA, n. por 1580, fº de Gonçalo Pires (membro da governança eleita de S. Paulo) e de s/m. Beatriz Pires, por esta, neto de Salvador Pires (juiz ordinário em 1573) e de sua primeira mulher Maria Rodrigues (S.L., título Pires). Faleceu Salvador de Lima em 1612 e foi inventariado em S. Paulo (Inv. e Test., XXX, 71). Casou a viúva com PEDRO NUNES (§1º, II). Pais de um filho:
- III- PADRE SALVADOR DE LIMA DO CANTO, n. em 1608, teve como tutor o avô paterno Gonçalo Pires que, por motivo de velhice e moléstia, transferiu o encargo ao avô materno do órfão (*id.* 76/97); a 27 de setembro de 1620, cobrou Bartolomeu Gonçalves despesas sobre a legítima do neto (depositada no Cofre do Juízo de Órfãos) alegando que sempre o tratou mui limpamente, conforme a qualidade de sua pessoa, com vestimentas, sapatos e outros dispêndios, visto ser filho e neto de homens honrados, como era público e notório (seguiram-se os cálculos de despesas, despachos etc.. Ordenou-se sacerdote e serviu em S. Paulo.

### NOTA 3ª

D. JOÃO DE FARO, religioso capucho, nascido em Faro, a 19 de janeiro de 1676 e batizado na Matriz de S. Pedro a 30 do mesmo mês, era filho de Manuel Gomes (Govea?) e de sua primeira mulher Maria das Candeias (casados nessa cidade a 8 de setembro de 1670) e neto paterno de Manuel Gomes e de s/m. Catarina Valente (Batismos, livro de 1597 a 1695, fls. 81 v. e Casamentos, livro de 1597 a 1719, fls. 12 v.).

A 9 de outubro de 1738, o jornal “A Gazeta de Lisboa” noticiou: “No domingo sagrou o Exmo. Sr. Cardeal Patriarcha, na Patriarchal os Exmos. D. Frei Valério do Sacramento, Bispo d’Angra e D. Frei João do Faro para Bispo de Cabo Verde, e D. Frei Antônio de Castro para Bispo de Málaga na Índia”. A seu respeito, a “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira” (Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa- Rio de Janeiro) no volume X, p. 964, diz o seguinte:

“D. Frei João de Faro – Religioso franciscano, considerado, pelo seu talento poético e pelos profundos conhecimentos que tinha de várias línguas, um dos maiores letrados de sua ordem, nesse tempo, nasceu em Faro a 19 de janeiro de 1676. Foi guardião dos conventos de Santo Antônio de Loulé, de Tavira e de Beja e secretário da província da Piedade, a que pertencera. Tornado conhecido pelo seu saber e altas virtudes, foi, em 16 de julho de 1738 eleito bispo de Cabo-

Verde, e como tal sagrado a 5 de outubro do mesmo ano. Embarcou para a sua diocese em 14 de janeiro de 1741, mas o barco em que seguia naufragou por virtude de um violento temporal, e Frei João de Faro viu-se forçado a regressar ao reino. Aqui faleceu em 21 de junho do mesmo ano, parece que por virtude de doença adquirida no naufrágio e pelo abalo moral que ele lhe provocou. Compôs várias obras em latim, que não chegaram a ser impressas, e cujos manuscritos se perderam no naufrágio. Tem em Faro uma rua com seu nome.”

Seu irmão, Cap. José Gomes de Gouveia, batizado na Matriz de S. Pedro a 17 de novembro de 1686, era filho de Manuel Gomes (Govea?) e da última mulher Francisca Pires, por esta, neto de Francisco Dias Frade e de s/m. Isabel Pires (casado Manuel Gomes mais duas vezes, a última com Francisca Pires, em Faro, a 4 de fevereiro de 1686).

O apelido “Frade”, conforme escreveu Felgueiras Gayo, vinha a ser muito nobre e antigo em Portugal (volume V, tomo XIII, p. 104, n. 6; tomo XV, p. 82, n. 6 e 7; volume VI, tomo XVII, p. 192; volume VII, tomo XIX, p. 233, n. 10) ou “patronímico de Fradique”, em Sanches de Baena etc. Teve o Cap. José Gomes de Gouveia os seguintes irmãos germanos, naturais de Faro:

- 1- ESTEVÃO GOMES, bat. a 8 de agosto de 1689, c. a 7 de março de 1711 c. MARIA ROSA, f<sup>a</sup> de Francisco Carvalho e de s/m. Maria Rodrigues, na mesma cidade.
- 2- JOÃO DE MENDONÇA PEÇANHA, mencionado pelo irmão Cap. José Gomes, no testamento, assinou pela viúva Maria Nunes de Siqueira o termo de abertura do inventário, em 1731.
- 3- FRANCISCO, bat. a 7 de setembro de 1692.
- 4- MANUEL, bat. a 6 de janeiro de 1694.
- 5- CATARINA, bat. a 15 de setembro de 1697.
- 6- PADRE JOSÉ GOMES PEÇANHA, bat. a 15 de agosto de 1700, morador no Algarve em 1732. Vem referido no inventário de seu irmão Cap. José Gomes de Gouveia, em 1731.
- 7- GABRIEL DE MENDONÇA PEÇANHA, bat. a 6 de fevereiro de 1707, sendo padrinho o Arcediago Gabriel de Mendonça Peçanha. A 25 de março de 1732, em Taubaté, passou uma procuração a João de Mendonça Peçanha e outros, em Guaratinguetá. Sua assinatura era ornada de arabescos (AHMFG).

**Agradecimento:** As informações a respeito dos assentamentos paroquiais do Algarve foram obtidas pela consulta aos microfílmes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, gentilmente autorizada aos pesquisadores.